

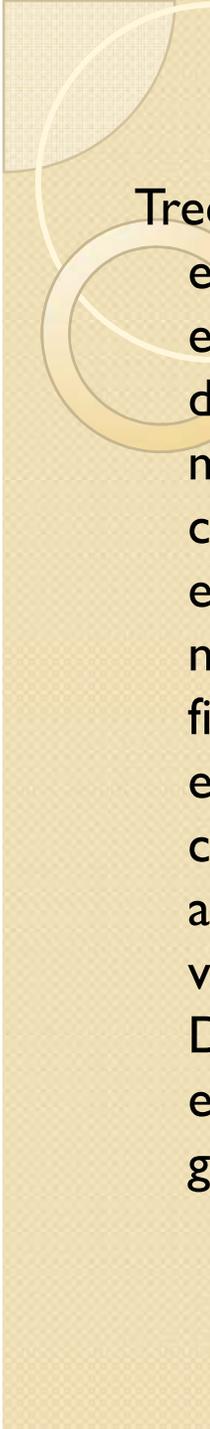
Introdução 4: O “eu” e o “outro”: a entrevista como uma relação interpessoal.

Profa. Dra. Suzana L. S. Ribeiro

Prof. Danilo Eiji Lopes

Profa. Maria Aparecida Blaz Vasques Amorim

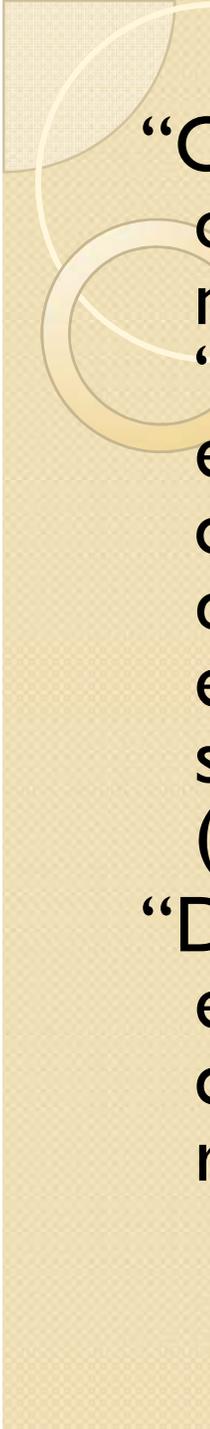
Apresentação utilizada durante o curso “HISTÓRIA ORAL DE VIDA IMIGRANTE – COMUNIDADE E IDENTIDADE”, realizado pelo Instituto da Cultura Árabe de 13 a 17 de julho de 2009.



Trechos de Grande Sertão:Veredas, em que Riobaldo (o narrador) aborda os encontros e desencontros com Diadorim (Reinaldo?): [...] vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia regular minha idade. [...] Seria para mim... Não se mexeu. Antes fui eu que vim para perto dele. [...] e era um menino bonito, claro, com a testa alta e os olhos aos-grandes, verdes. [...] Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. Achava que ele era muito diferente, gostei daquelas finas feições, a voz mesma, sucinto leve, muito aprazível. [...] Olhei: aqueles esmerados esmarteres olhos, botados verdes, de folhudas pestanas, luziam com efeito de calma, que até me repassasse. [...] Era dessemelhante. [...] assim meio diferente, meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas. [...] Um Diadorim só para mim. [...] Aí fui até lá, na beira dum fogo, onde Diadorim estava. [...] Olhei bem para ele, de carne e osso; eu carecia de olhar, até gastar a imagem falsa do outro Diadorim, que eu tinha inventado.

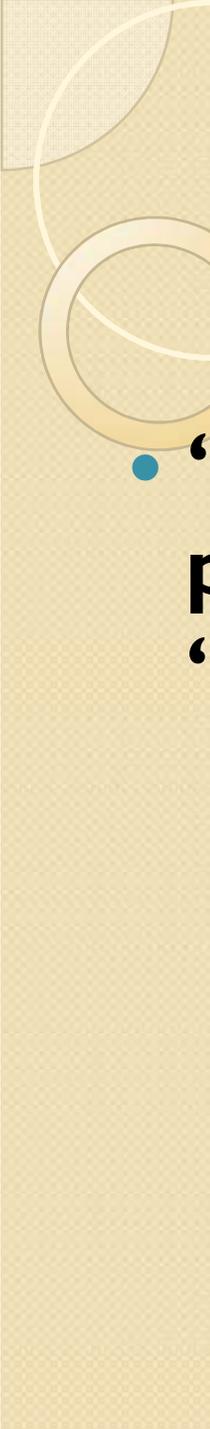


“‘Colaborador’ é um termo importante na definição do relacionamento entre o entrevistador e o entrevistado. Sobretudo, é fundamental porque estabelece uma relação de compromisso entre as partes.” (p. 124)



“O entrevistador, por um lado, deixa de ser aquele que olha para o entrevistado percebendo-o como mero “objeto de pesquisa”, “ator social” ou “informante”, pois o que se busca em uma entrevista de história oral é certamente mais do que referência a dados inexistentes ou mesmo a definição de uma verdade. Atualmente, o uso da entrevista em história oral visa registrar o significado da experiência pessoal ou do grupo.”
(p. 125)

“Deve-se ter em mente que a capacidade de narrar está na vontade e no estado psicológico do colaborador, que pode, sim, decidir sobre os rumos finais da entrevista” (p. 126)

- 
- **“Um termo significativo na relação de poder entre as partes é a palavra ‘negociação’ .” (p.126)**

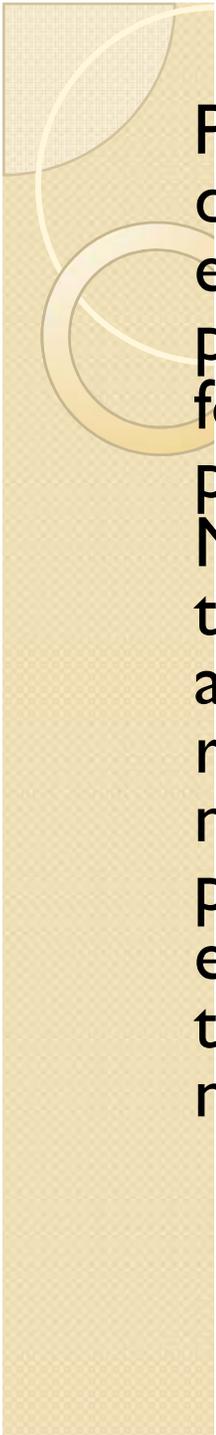
- 
- A História Oral só se concretiza quando chegamos ao texto final e para isso há uma série de etapas para que nosso corpo documental esteja pronto para ser analisado pelo oralista e a devolução feita aos colaboradores.

- A entrevista deve ser conduzida segundo os critérios da história oral a ser adotada, de vida ou temática, e enquanto no primeiro caso não deve haver questionário rígido e deva ser conduzida de maneira aberta, na segunda o questionário faz-se necessário, porém , não deve ser duro, inquisitivo , que não dê abertura para outras lembranças que o colaborador sentir vontade de trazer à tona.

- A transcrição deve ser literal, realizada, de preferência, logo após a entrevista, quando as palavras do colaborador ainda estão presentes em nós. Ela deve ser a mais completa e rigorosa possível, registrando, inclusive sons externos, como, por exemplo, o telefone tocando, o gato miando..., os nós, entãoos...

- Na textualização suprimimos as perguntas do entrevistador, pontuamos, formamos orações e tiramos repetições. Se estas forem uma característica do colaborador deixamos algumas para que o leitor as percebam.

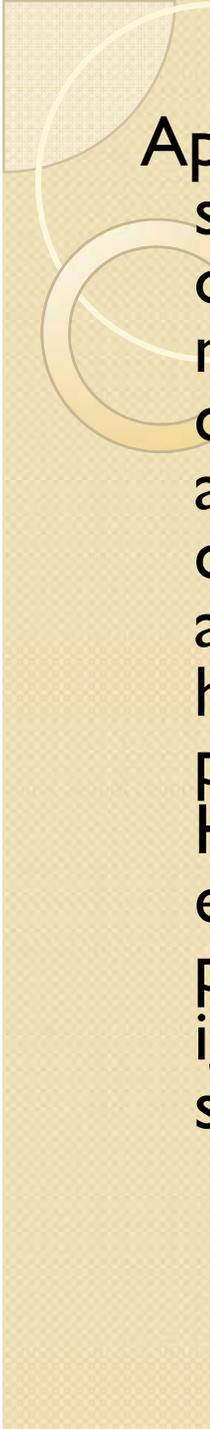
- A transcrição deve conter em si a atmosfera da entrevista, seu ritmo, a comunicação não-verbal como risos, choro, gestos faciais e temos que ter cuidado porque o texto não pode abandonar a característica de originalmente falado e tem que ser identificado como tal pelo leitor.



Para conseguir chegar a tal resultado, valemo-nos de dois conceitos da lingüística, que não podem ser entendidos separadamente: o de transcrição, proposto por Haroldo de Campos, e o de teatro de linguagem, formulado por Roland Barthes, ambos adequados à prática de história oral por José Carlos Sebe Bom Meihy. A transcrição surge da necessidade de transformar a transcrição literal em um texto mais agradável e compreensível à leitura. É importante ressaltar que não se adiciona ou se suprime idéias ao nosso colaborador. Este processo é árduo, uma passagem do oral para o escrito que leva o oralista a estar sempre atento à questão da ética. Na transcrição, a interferência do autor não deve ser negada, porém explicitada. (MEIHY, J (org) .1996)

- Conferência e Legitimação: O texto transcrito é devolvido ao colaborador para que ele analise, se reconheça ou não na entrevista, faça correções, alterações, adicione fatos, vete frases, de acordo com o que ele julgar conveniente; se o colaborador insistir em tirar partes inteiras do texto, entra o que chamamos de negociação, isto é, negociar com o colaborador para que as informações permaneçam no texto.

- 
- Após a conferência e legitimação o texto está pronto para a utilização como documento histórico, partindo-se para a análise e validação do mesmo. Validar uma narrativa é um ato de respeito ao colaborador. O texto produzido pelos encontros entre entrevistadores e colaboradores, obrigatoriamente tem valor intrínseco .



Apóia-se a relevância da validação em virtude do significado da história oral. Não fosse pela busca de outros ângulos de problemas que são, de regra, marcados pela objetividade, busca da verdade e comprovação, a entrevista seria mais uma maneira de adquirir informações, captação de dados ou certificação de fatos “reais”. A “realidade” dos fatos advindas de entrevistas ligam-se a impressões. E história oral é o império das visões filtradas pelos pareceres. A subjetividade é fundamental para a História Oral. Portelli, diz que é a subjetividade do expositor que fornece às fontes orais o elemento precioso que nenhuma outra fonte possui em medida igual. A História Oral, mais do que sobre eventos fala sobre significados.

Exemplo (Entrevista Edson Guiducci) Transcrição

- ▶ P: É bem aberto assim, eu não vou fazer perguntas.
- ▶ E: Ué mas.. bem eu nem sei o que falar..
- ▶ P: O Sr. vai me falar como é que foi sua experiência, o que o Sr. fazia lá na época.
- ▶ E: Não... Eu era funcionário da faculdade
- ▶ P: Uhun..
- ▶ E: Aí prestei vestibular, comecei à fazer curso de história natural, e me integrei com o grupo do Orestes, que era o gruta, o grupo de trabalho artístico. Eu cantava moda de viola, eu gostava de poesia e um curso de ciência, né? E passei a participar daquele grupo, e o Orestes, era nosso grande guru, nosso líder, né?
- ▶ P: uhun.
- ▶ E: E a gente tinha uma preocupação assim, com a situação política [tosse], aquele período político assim que a gente num tinha muita expectativa de grandes sucessos. Pelo menos eu trabalhava, né? Mas muitos não tinha ainda, é... acesso ao trabalho, né?
- ▶ P: hmm....

- ▶ E: E a gente saía, fazia um monte de coisas artísticas, escrevia algumas peças de teatro, versinhos ,né? E o Fazia grandes apresentações, nós tínhamos um grupo de jograis, né? E a gente fazia apresentação no interior todo: Araraquara, Rio Claro, São Carlos.. E eu vivia nesse mundo, pelo menos [risos] acreditava que era uma coisa boa, né? Mas a gente era de esquerda festiva, era um grupinho ingênuo, ninguém sabia muita coisa... Lia uma coisinha ou outra do Che Guevara, dos guerrilheiros, tal, mas ninguém tinha um revólver, uma garrucha, ninguém tinha nada, era um grupinho idealista, boboca, que achava que fazendo aquilo melhoraria alguma coisa. Aí vem a Revolução, né? 64. Eu dava aula em Ibirá. 5 horas, 5 e meia, 6 horas mais ou menos da tarde do dia... não sei se dia 1 ou dia 2 de Abril, fui preso e detido com o Orestes, com a turma toda e alí fiquei uns vinte e tantos dias, não fui torturado, nada aconteceu assim de mais grave, simplesmente período de tensão, aí saí, acabou. Fui pra Brasília, me formei, acabei me formando, fui pra Brasília e da revolução em si, o que eu tenho de memória é isso. Só que meu.. a minha ficha corrida no dóps ficou. Eu não era comunista, não era de partido nenhum, né?



Textualização

Eu era funcionário da Faculdade. Prestei o vestibular para o curso de História Natural. Logo no início me integrei ao GRUTA, que era um grupo de trabalho artístico. Como eu cantava moda de viola e gostava de poesia.....

Transcrição

Meu nome é Edson Guiducci. Eu era funcionário da Fafi, mais tarde prestei vestibular e fui cursar História Natural. Logo no início me integrei com o grupo do Orestes, o Gruta... sabe eu cantava moda de viola, gostava de poesia e o Gruta era um grupo artístico... em sei o que estava fazendo num curso de Ciências...passei a participar muito do grupo e o Orestes era nosso grande guru, um verdadeiro líder.

Nossa preocupação maior era com aquele período político, na verdade não tínhamos preocupação de fazer sucesso... afinal muitos já trabalhavam, inclusive eu... embora alguns só estudassem. Fazíamos todo tipo de arte, cheguei a escrevr, inclusive, algumas peças de teatro, versos... fazíamos grandes apresentações, tínhamos até um grupo de jogral. Fazíamos apresentação pelo interior todo: na Faculdades de Araraquara, Rio Claro, São Carlos... vivíamos nesse mundo e acreditávamos que era uma coisa boa. Publicamos até um livro de poesias ode escrevi uma coisa que acho bonita até hoje: O gigante de espuma...era uma analogia ao Brasil.

Sabe, posso dizer que éramos uma esquerda festiva, um grupinho ingênuo, ninguém sabia muita coisa... claro que havíamos lido um coisinha ou outra do Che Guevara, dos guerrilheiros, mas ninguém tinha revólver, garrucha, não tínhamos nada, éramos um grupinho idealista, boboca, que achava que com aquilo, o teatro, as artes, melhoraria alguma coisa. Aí veio a revolução... 1964... Eu lecionava em Ibirá.. 5 ou 6 horas da tarde do dia 1º. De abril fui preso. Fui detido com o Orestes e com a turma toda. Fiquei preso uns 20 e tantos dias... não fui torturado, não aconteceu uma coisa mais grave... houve um período de tensão e aí sai da cadeia. Acabei me formando...fui pra Brasília, mas minha ficha corrida no DEOPS ficou. Eu nem era comunista, não era de partido nenhum... a atividade cultural era nossa bandeira.

TOM VITAL

– É a frase escolhida para ser colocada na introdução da História Oral de Vida. Ela serve como guia para a leitura da entrevista, posto que representa uma síntese moral da narrativa (Meihy)

Sabe, o projeto pedagógico da turma de humanas era fantástico, tinham um grande projeto educacional, tanto que foi a primeira faculdade que sofreu intervenção em 64, no Brasil...

- 
- Análise temática do conteúdo das entrevistas, destacando-se temas gerais;
 - Realização de uma nova análise das narrativas, de acordo com os temas destacados anteriormente, objetivando compreender o conteúdo das entrevistas, indicando sua especificidade;
 - Realizar o agrupamento de um conjunto de entrevistas no qual cada entrevista possa se constituir como uma unidade especial, e o conjunto delas possa ser cruzado, comparando-se as versões e informações obtidas.
(DELGADO.2007).